

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 10, núm. 20 (2023), raeic102005

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.10.20.5>



Recibido el 15 de junio de 2023

Aceptado el 14 de septiembre de 2023

A Internacionalização da Pesquisa Brasileira em Comunicação: Desafios e Estratégias

*The Internationalization Process of the Brazilian Research on
Communication: Challenges and Strategies*

de Albuquerque, Alfonso

Universidade Federal Fluminense (UFF)

afonsoalbuquerque@id.uff.br

Oliveira, Thaiane

Universidade Federal Fluminense (UFF)

thaianeoliveira@id.uff.br

Jamil Marques, Francisco Paulo

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

marquesjamil@gmail.com

Miola, Edna

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

ednamiola@gmail.com

Mitozo, Isabele

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ibmitozo@ufmg.br

Quesada Tavares, Camilla

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

camilla.tavares@ufma.br

Araujo, Mayara

Universidade Federal Fluminense (UFF)

msoareslpa@yahoo.com.br

Forma de citar este artículo:

De Albuquerque, A., Oliveira, T., Jamil Marques, F. P., Miola, E., Mitozo, I., Quesada Tavares, C. & Araujo, M. (2023). A Internacionalização da Pesquisa Brasileira em Comunicação: Desafios e Estratégias. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 10(20), raeic102005. <https://doi.org/10.24137/raeic.10.20.5>

Resumen:

Este artigo discute o processo de internacionalização da pesquisa acadêmica brasileira em Comunicação, enfatizando-se o perfil da produção bibliográfica de investigadores vinculados a universidades nacionais que publicam em periódicos de maior prestígio. Ao examinar a evolução da produção de artigos no curso de mais de duas décadas, o trabalho identifica as revistas em que essa produção é veiculada e explora as estratégias de pesquisadores brasileiros para circularem em periódicos indexados no JCR. O estudo crítico sobre os dados de produtividade sugere que o grau de visibilidade da produção científica é influenciado por elementos estruturais que caracterizam o sistema acadêmico internacional.

Palavras-chave: Pesquisa, Comunicação, Internacionalização, Brasil.

Abstract:

This article discusses the internationalization process of Brazilian academic research on Communication, specifically focusing on the bibliographic output profile of scholars who

publish in prestigious international journals. The study examines this production's quantity, trends, and evolution over time, identifies the journals in which it is disseminated, explores the trajectory of Brazilian researchers who publish in journals indexed in the JCR and investigates the strategies they employ to publish in high-prestige journals. The article critically analyzes productivity data, acknowledging that structural elements of the international academic system influence the visibility of scientific output.

Keywords: Research, Communication, Internationalization, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O debate sobre internacionalização da ciência tem alcançado uma visibilidade privilegiada na agenda da pesquisa acadêmica brasileira (Ramos, 2017; Santin, Vanz & Stumpf, 2016). O suporte à formação de pesquisadores (por exemplo, a concessão de bolsas para realização de doutorado, estágio “sanduíche” e pós-doutorado no exterior), bem como a atração de acadêmicos visitantes estrangeiros, marca os esforços para qualificar a ciência nacional e conferir consistência aos Programas de Pós-Graduação (PPGs) nacionais desde os anos 1980 (Lima & Contel, 2009; Lombas, 2017). Contudo, apenas mais recentemente, com o aperfeiçoamento dos critérios de avaliação desses PPGs por parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), a internacionalização se tornou uma demanda institucionalizada para os pesquisadores (Lima & Contel, 2009; Maccari, Lima & Riccio, 2009; Paiva & Brito, 2019).

Nesse contexto, instituições de fomento à ciência, tecnologia e inovação têm investido recursos substanciais em programas de intercâmbio e cooperação com universidades estrangeiras, a exemplo do Ciência sem Fronteiras (CNPq-CsF) (Saenger & Teixeira, 2018) e do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt). Ademais, a CAPES - agência estatal de Ensino Superior do país - ampliou o peso de variáveis associadas à cooperação com outros países em suas rotinas de avaliação de PPGs e pesquisadores (Paiva & Brito, 2019). No entanto, apesar da evolução no modo como

essas políticas são constituídas, em uma transformação de modelos menos calcados no indivíduo e sim nas instituições, a internacionalização ainda é uma atividade acadêmica pouco consolidada no Brasil, restrita a apenas alguns pesquisadores cujas trajetórias estão marcadas pelo acesso às parcerias internacionais e pela anglofonia (Suzina, 2020). Assim, em consonância ao que vem sendo discutido em outras pesquisas (Waisbord & Mellado, 2014; Goyanes, 2019; Demeter et al, 2022; Goyanes, 2023), a internacionalização é um grande desafio para países do Sul Global e acaba reforçando modelos de dependência entre centros e periferias globais e nacionais.

Considerando-se tal contexto, o objetivo do artigo é discutir a internacionalização da produção científica brasileira em Comunicação a partir dos indicadores de publicação de investigadores brasileiros em periódicos internacionais de maior fator de impacto e “prestígio”. Utilizamos as aspas para nos referirmos ao alegado prestígio atribuído à reputação de tais periódicos com a intenção de destacar os modos pelos quais se dá a naturalização da estrutura que define as bases de autoridade em nosso ecossistema científico. Entendemos que esse sistema de prestígio retoma lógicas coloniais baseada em hierarquias: a hierarquia linguística, na qual existe a predominância do inglês enquanto “língua universal”; a hierarquia regional, que sustenta comitês editoriais integrados majoritariamente por pesquisadores oriundos do Norte Global; a hierarquia da desigualdade de acesso, tendo em vista o caráter comercial e excludente de boa parte das editoras que organizam o sistema de publicações (Oliveira, 2019). Assim, os pesquisadores sediados no Sul Global enfrentam desafios significativos em termos de publicações (Vessure, Guedon & Cetto, 2014), tendo em vista dinâmicas que retomam lógicas coloniais.

Ao enfatizar os perfis de publicação em periódicos mais bem classificados no *ranking* da Clarivate (*Journal of Citation Reports* ou, daqui para diante, JCR) para a área de Comunicação, o trabalho busca identificar, primeiramente, a quantidade e as tendências da produção bibliográfica de modo longitudinal, considerando o período de 2000 a 2021. Em segundo lugar, o artigo pretende mapear quais revistas que veiculam essa produção. Terceiro, nós investigamos dados relativos ao perfil dos pesquisadores brasileiros que publicam em revistas indexadas no JCR a fim de verificar de que modo

essa produção se distribui entre os autores vinculados a instituições nacionais. Finalmente, procuramos identificar quais eventuais estratégias têm sido utilizadas para publicar nesses periódicos. Por exemplo, em que medida artigos publicados em revistas de “maior prestígio” são fruto de cooperação entre redes internacionais?

Os resultados apontam para a presença limitada de pesquisadores do Sul Global em circuitos internacionais “de prestígio”, o que implica diretamente na dificuldade em participar e influenciar o debate acadêmico global. Uma vez que a visibilidade da produção científica é influenciada por elementos estruturais do sistema acadêmico internacional, o conhecimento produzido localmente acaba tendo circulação restrita. Os dados aqui explorados colaboram com o processo de formulação de estratégias soberanas para ampliar a maior participação brasileira em circuitos científicos internacionais.

2. INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA NO BRASIL

No decorrer das últimas décadas, o Brasil tem ampliado seu processo de abertura econômica e integração aos mercados globais, o que estimula a internacionalização das universidades e de seus centros de pesquisa (Costa, Costa & Yamamoto, 2021). No caso de países em desenvolvimento, a integração com organizações estrangeiras é vista como uma forma de aumentar a competitividade e a visibilidade das instituições no cenário global, investindo-se na chamada *internationalization abroad* (Wit & Altbach, 2021) por meio da mobilidade acadêmica de estudantes e de docentes. Nesse sentido, agências de fomento à pesquisa brasileira, como a CAPES, buscam promover parcerias com comunidades acadêmicas estrangeiras, a fim de incrementar o desempenho dos indicadores de produção do país (CAPES, 2022). Segundo o levantamento realizado pela própria agência, existem duas formas de entender a internacionalização: a ideia de internacionalização passiva ocorre quando há mobilidade de docentes e discentes nacionais para o exterior; e aquela de internacionalização ativa, que consiste no fluxo inverso, com a atração de pesquisadores estrangeiros para o Brasil (CAPES, 2017).

No entanto, uma vez que tal visão se encontra centrada unicamente na questão da mobilidade acadêmica, ela acaba se mostrando reducionista por ignorar como se

manifestam as dinâmicas de poder global que acabam definindo como se configuram as relações entre países do centro, da periferia e da semiperiferia do sistema-mundo. Conforme discutem alguns pesquisadores (Lima & Contel, 2011; Knobel et al., 2020), esses conceitos estão relacionados à existência de atores hegemônicos e hegemonzados no contexto da educação superior internacional cujas posições resultam de processos históricos complexos.

O entendimento de internacionalização ativa e passiva baseado na mobilidade foi acompanhado por algumas políticas que propunham programas não mais centrados em indivíduos e sim, nas instituições (Knobel et al., 2020)¹. É o caso do Programa de Institucional de Internacionalização da Capes (Print-Capes) cujo objetivo é a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de inserção internacional das instituições contempladas. Ainda como discutem Knobel e co-autores, a nova estratégia do Print-Capes se baseia em um modelo competitivo entre as próprias instituições de ensino, sobretudo em um contexto no qual o Programa foi lançado —em 2018— e que o Brasil avançava numa crise econômica e experimentava uma brusca redução orçamentária na distribuição de recursos para o Ensino Superior e um impulsionamento para a busca ativa de financiamento com empresas e instituições internacionais. Neste cenário, o Print-Capes fomentou uma disputa entre instituições e programas de pós-graduação brasileiros pelos limitados recursos disponíveis. Este modelo de competitividade é alimentado pelo desejo global de investir na criação de universidades de classe mundial, que tem como estratégia a concentração de fundos em algumas instituições de destaque - diretriz que recebe apoio ativo de agências internacionais, como o Banco Mundial, por meio do Programa de Centros de Excelência Acadêmica (Schendel & McCowan, 2016).

¹ As políticas brasileiras de investimento implementadas desde o início dos anos 2000 buscaram promover a internacionalização da ciência nacional. Os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) desempenharam um papel importante nesse processo. A quarta edição do PNPG, produzida em 2010, enfatizou a internacionalização como uma ferramenta para posicionar o país no mercado global e estimular a produção de tecnologia (Paiva, Brito, 2019). De acordo com o documento, a posição do Brasil no ranking mundial de publicação ainda era tímida. Destacou que na produção científica, o Brasil ocupava a 13ª colocação em número de artigos publicados mundialmente, contribuindo com 2,27% da produção mundial em periódicos científicos. Destacou que o impacto médio da produção científica brasileira nas Ciências Sociais foi baixo, com menos de uma citação por artigo (Brasil, 2010a, 2021). Foram propostas medidas como a valorização da produção científica internacionalizada e mobilidade acadêmica, seja com o estímulo para a ida de estudantes de doutorado para o exterior como também incentivo para a vinda de professores efetivos e visitantes para o país (Paiva & Brito, 2019).

Neste ponto, é interessante notar que o *Guia para aceleração da internacionalização institucional: stricto sensu*, documento lançado pela CAPES que orienta gestores acadêmicos, dá destaque à seguinte afirmação: “uma boa meta inicial seria situar-se entre as 200 melhores do ranking mundial do THE” (Brasil, 2020, p. 11). Os autores do guia utilizam os critérios do referido *ranking* para sugerir qual foco as instituições que buscam a internacionalização e o reconhecimento como uma “Universidade de Classe Mundial” devem adotar: pesquisa, publicação internacional, citações, colaboração e presença de pesquisadores internacionais na instituição. Dentre as metas, estaria o estímulo a (1) “coautorias: um aumento significativo na produção internacional conjunta, aumentando a taxa de citações internacionais indexadas” e (2) a “taxa de atratividade internacional: atingindo o padrão médio mundial” (Brasil, 2020, p. 11).

No entanto, vale ressaltar que o estabelecimento de um modelo de internacionalização estabelecido com base em políticas competitivas resulta na exclusão da maioria das instituições universitárias do Brasil, sobretudo as situadas fora da região Sudeste - onde se localizam grande parte das universidades federais brasileiras. No Brasil, as diferentes regiões possuem disparidades socioeconômicas resultantes de problemas estruturais complexos e historicamente demarcados - o que reforça ainda mais a posição periférica de outras regiões como Norte e Nordeste² (Alves, 2022).

Tais assimetrias também se manifestam globalmente. Diversos autores têm discutido como a circulação internacional do conhecimento científico consiste em um processo assimétrico, desigual e que privilegia determinadas comunidades acadêmicas, em detrimento de outras (Wallerstein, 2011; Alatas, 2000; Beigel, 2013). Para Alatas (2000), a desigualdade na ciência é reforçada pela divisão internacional do trabalho acadêmico envolve uma estrutura que sustenta a lógica de que existem países “dominantes” que formulam teorias, metodologias e conceitos, enquanto sociedades “periféricas” se tornam consumidoras e dependentes deste conhecimento desenvolvido nos centros. Consequentemente, as comunidades intelectuais “*non-mainstream*” estariam

² Destaca-se que o estudo de Alves (2022) não explora dados relativos ao Centro-Oeste, mas enfatiza que a criação de Brasília estimulou o deslocamento de atividades para a região, colocando-a em um patamar diferenciado das regiões Norte e Nordeste.

destinadas a oferecer dados e reproduzir tendências, o que coloca em segundo plano suas especificidades epistemológicas e realidades locais.

Em outras palavras, argumenta-se que a produção científica é influenciada por elementos estruturais que marcam o sistema acadêmico internacional, a exemplo dos obstáculos impostos à participação de pesquisadores de fora da Europa Ocidental e dos Estados Unidos (Chakravartty *et al.*, 2018; Demeter, 2019; Oliveira *et al.*, 2021). Essa dinâmica tem raízes históricas na hegemonia acadêmica desses países, além de ser impulsionada pelo legado colonial e pela influência da globalização neoliberal (Albuquerque *et al.*, 2020; Albuquerque & Lycarião, 2018). Atualmente, essa hegemonia é fortalecida pelas rotinas típicas do capitalismo acadêmico e dos sistemas de classificação, que tendem a favorecer perspectivas provenientes de instituições de países desenvolvidos (notadamente os anglófonos) (Aouragh & Chakravartty, 2016). Além disso, a avaliação acadêmica conduzida por entidades como a Clarivate Analytics (nomeadamente, métricas como o fator de impacto) exerce influência nas políticas científicas globais (Biesta, 2012). A falta de representação adequada de países fora da América do Norte e Europa nas principais bases de indexação prejudica a visibilidade e o impacto da pesquisa dessas nações (Beigel, 2019), contribuindo para a contínua hegemonia ocidental no cenário acadêmico mundial (Albuquerque & Lycarião, 2018; Aouragh & Chakravartty, 2016).

A internacionalização dos estudos com base na agenda estadunidense (Waisbord & Mellado, 2014) também contribuiu para o fortalecimento do uso do inglês como língua franca nos estudos em Comunicação. Como resultado, houve uma limitação dos encontros entre a teoria ocidental e as culturas científicas enraizadas em outras línguas (Suzina, 2020). É neste sentido que parte da literatura, em especial de países do chamado Sul Global ou de países de fora do eixo central, discute os desafios da internacionalização nos estudos de Comunicação (Dutta, 2020).

Assim, de modo paradoxal, mesmo naquelas discussões que têm por objeto subcontinentes como a América Latina, as perspectivas dominantes têm origem em comunidades de países desenvolvidos (Alatas, 2007; Waisbord & Mellado, 2014). A

percepção de que o conhecimento produzido no próprio país ou região teria somente circulação “local” se traduz em um problema de status que afeta tanto as lógicas de validação do conhecimento gerado, quanto a atribuição de capital social em ambientes científicos. Assim, a distinção entre “teoria” (usualmente referenciada a partir de paradigmas estrangeiros) e “pensamento” (algo que designaria, por exemplo, contribuições de origem brasileira, mas que não contariam com o mesmo nível de “autoridade”) marca as diferenças de *status* acadêmico não apenas no campo da Comunicação, mas, também, em áreas como Sociologia e Ciência Política (Lynch, 2013). Entretanto, o avanço heurístico da própria produção científica acaba sendo comprometido, uma vez que definições universalmente aceitas no campo não resistem ao escrutínio de realidades locais, em que muitas categorias não encontram o mesmo grau de aplicabilidade para explicar os fenômenos necessários. Deste modo, ampliar a circulação do conhecimento produzido em outros países, como os do Sul Global, permitiria que conceitos tidos hoje como “locais” fossem explorados em contextos que partilham de características parecidas, trazendo protagonismo para essa produção.

Tendo essa discussão em vista, o trabalho levanta o seguinte questionamento: Que problemas resultam da presença limitada de pesquisadores do Sul Global em circuitos internacionais “de prestígio”, como o Journal Citation Report (JCR)? Partindo do caso da produção científica brasileira da área da Comunicação, analisa-se o grau de inserção de pesquisadores vinculados a instituições nacionais no referido sistema, a partir da análise das publicações, de modo longitudinal. Nesse sentido, a pesquisa se mostra particularmente relevante por discutir essas estratégias, o que também se aplicaria a investigadores nos demais países do Sul Global, não apenas criticando limitações de conceitos gestados e aplicados em países desenvolvidos, mas complexificando categorias e metodologias.

O JCR é internacionalmente reconhecido como o principal índice de avaliação do impacto de periódicos acadêmicos. A influência da lista JCR como filtro resulta da sua proposta de orientar quais são os periódicos de excelência em que os acadêmicos devem publicar para avançar em suas carreiras (Bogotch, 2012). Contudo, os periódicos indexados na base da Web of Science têm recebido pouca atenção por parte da

comunidade brasileira da área de Comunicação. Esse fenômeno pode ser explicado por razões diversas. Em primeiro lugar, existe uma sólida rede de periódicos em língua portuguesa à disposição dos pesquisadores brasileiros na referida área do conhecimento. Uma vez que contam com boa reputação no sistema acadêmico nacional, circular em tais revistas é visto como algo suficiente para atender boa parte dos parâmetros de avaliação exigidos no país. Um segundo fator tem a ver com a exigência do domínio da língua inglesa para submeter textos a periódicos internacionais bem avaliados, o que implica lidar com barreiras ligadas ao escasso financiamento à pesquisa e ao domínio de gramáticas de produção condizentes com a expectativa dos revisores internacionais (Suzina, 2020; Albuquerque et al., 2020; Goyanes, 2019). Ressalte-se que essas dificuldades são mais agudas em disciplinas com natureza marcadamente textual ou argumentativa.

De qualquer modo, registre-se que a presença modesta de periódicos brasileiros dentre os mais bem avaliados no JCR está longe de ser um problema local, uma vez que afeta a maioria dos países em desenvolvimento. Se, por um lado, a existência de circuitos acadêmicos sólidos e *open access* (no caso de pesquisadores ibero-latino-americanos) incentiva uma espécie de “internacionalização limitada” (Oliveira, 2019; Vessure, Guédon & Cetto, 2014), por outro, países da América do Norte e da Europa Ocidental não se veem compelidos a incluírem formulações teóricas e metodológicas do Sul Global em suas reflexões, ignorando questões como barreiras linguísticas e dificuldades de acesso ao conhecimento veiculado por editoras comerciais.

A partir dessas reflexões, este trabalho examina, de forma exploratória, a inserção de pesquisadores brasileiros em periódicos de influência internacional. O objetivo é verificar elementos como índices de publicação, parcerias e trajetórias acadêmicas de autores cujos textos figuram em circuitos intelectuais de maior “prestígio”. Para isso, a pesquisa realizou um levantamento de todos os artigos publicados por pesquisadores atuantes em instituições brasileiras entre os anos de 2000 e 2021 nos periódicos de classificação mais elevada no JCR. As questões de pesquisa propostas são as seguintes:

1. Como se caracteriza a quantidade e a evolução da produção bibliográfica de pesquisadores baseados no Brasil em periódicos da área de Comunicação listados no JCR?
2. Qual a classificação das revistas em que essa produção foi veiculada?
3. Qual o perfil (em termos de títulos acadêmicos, filiação institucional e volume de publicações) dos pesquisadores baseados no Brasil e que circulam em revistas indexadas no JCR?
4. De que modo as co-autorias de artigos revelam a participação de pesquisadores que atuam no Brasil em cooperações nacionais e internacionais?

3. MÉTODOS

Os dados examinados neste estudo foram coletados manualmente e organizados em um banco de dados³. Em primeiro lugar, o procedimento consistiu em reunir dados concernentes a todas as edições de revistas de Comunicação e Informação indexadas nos estratos Q1 e Q2 do JCR (ano-base 2020). Os periódicos desses estratos foram escolhidos por representarem aqueles em que há maior competitividade para publicação e, conseqüentemente, em que haveria maior dificuldade para a inserção de pesquisadores brasileiros.

Artigos publicados na modalidade *online first* não foram considerados nesta investigação com o intuito de privilegiar somente aqueles que constavam em edições efetivamente publicadas e não trabalhar com elementos duplicados, uma vez que, devido ao recorte, muitos daqueles artigos já estariam encaixados em volumes anteriores. Em seguida, examinaram-se todas as edições disponíveis de cada periódico, selecionando-se apenas os artigos que continham pelo menos um pesquisador vinculado a alguma instituição brasileira no momento da publicação, independentemente da nacionalidade do autor. O terceiro passo envolveu mapear informações sobre cada autor de cada artigo a fim de identificar a trajetória de

³ Os artigos mapeados estão disponíveis em: <https://cutt.ly/zwW7pqPk>

formação, instituição de vínculo, existência de coautorias e se a produção bibliográfica era fruto de parceria interinstitucional e/ou internacional.

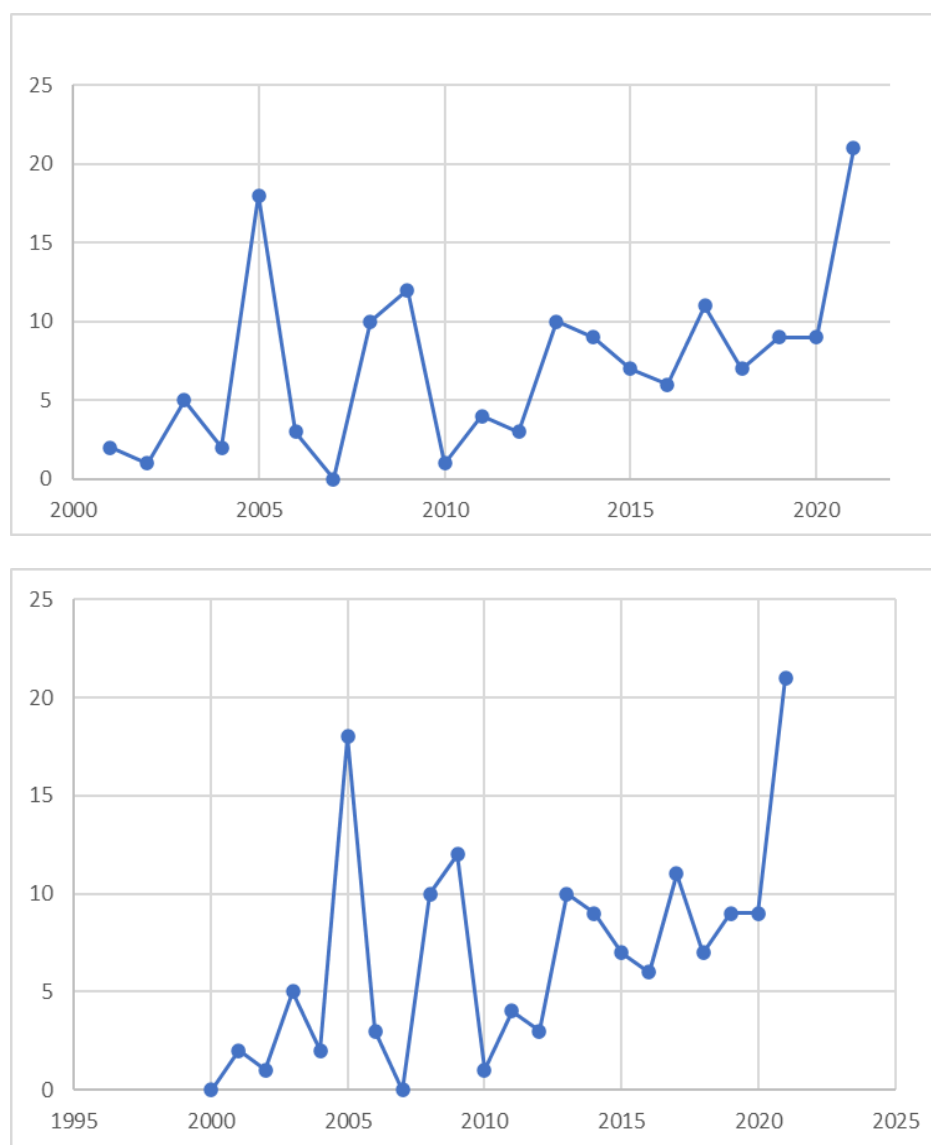
Todo o processo de coleta e checagem dos dados contou com a participação dos autores deste trabalho, não havendo necessidade de testes de confiabilidade. Todas as variáveis consistem na simples observação e cópia de informações fornecidas pelas próprias revistas (como ano, número e volume da edição, formação dos autores, instituição, etc.), sem qualquer avaliação qualitativa, o que garantiu a consistência de codificação do banco de dados. As informações foram reunidas em uma planilha do Excel com a intenção de sistematizar as descobertas e de gerar as tabelas e os gráficos que apresentam os resultados. Ao final de tais procedimentos, foi identificado um total 196 pesquisadores vinculados a alguma instituição brasileira na época da publicação do artigo. No decorrer dos 21 anos aqui investigados, houve o registro de 149 artigos publicados em 28 dos 47 periódicos internacionais coletados nos estratos Q1 e Q2 do JCR (ano-base 2020), conforme listado no Apêndice A, a partir de 2001, uma vez que não encontramos nenhum texto de acordo com nossos critérios em 2000.

4. RESULTADOS

4.1. QUANTIDADE E EVOLUÇÃO DAS POPULAÇÕES NO DECORRER DO TEMPO

Após certa irregularidade até 2009 e uma baixa no ano de 2010, as publicações de pesquisadores de Comunicação baseados no Brasil assumiram uma tendência estável de crescimento (Gráfico 1).

Gráfico 1. Distribuição dos artigos por ano de publicação



Fonte: Os autores.

Destaca-se que em 2005, 2008 e 2009, a presença de investigadores vinculados a universidades brasileiras em periódicos internacionais de prestígio se deve, em maior escala, às publicações realizadas na revista espanhola *Comunicar*, que concentra 14 dos 18 artigos publicados por brasileiros em 2005. Na década em estudo, não identificamos artigo publicado por autor vinculado à instituição brasileira em apenas duas ocasiões, nos anos 2000 e em 2007. Nesse sentido, enfatizamos que na primeira metade dos anos considerados em nossa investigação, as publicações não parecem seguir uma estratégia clara, uma vez que ocorreram de maneira dispersa. De qualquer modo, o fato de a

revista Comunicar aceitar submissões em língua portuguesa não pode ser desconsiderado.

4.2. PERIÓDICOS MAIS FREQUENTES E PERFIS DOS AUTORES

A tabela a seguir traz os dados referentes aos periódicos em que os pesquisadores vinculados a instituições brasileiras mais publicaram no intervalo analisado. O que se observa é que mais de 60% das publicações identificadas estão concentradas em apenas 7 revistas (Tabela 1).

Tabela 1. Periódicos que mais publicaram artigos de pesquisadores sediados em instituições brasileiras

Periódico	N	%
<i>Comunicar</i>	39	26,2
<i>Journalism</i>	14	9,4
<i>Journalism Studies</i>	10	6,7
<i>Media, Culture & Society</i>	9	6
<i>Information, Communication & Society</i>	7	4,7
<i>Telecommunications Policy</i>	7	4,7
<i>Critical Discourse Studies</i>	6	4
Outros	57	38,3
Total	149	100

Fonte: Os autores.

Além disso, destaca-se que mais de um quarto dos artigos foram publicados na revista Comunicar, que aceita submissões em espanhol (idioma que concentrou 27 dos 39 artigos totais publicados por autores baseados no Brasil na revista), em português (11 artigos) e inglês (apenas 1 artigo). Considerando-se o intervalo que vai de 2000 a 2021, a maioria dos investigadores (mais precisamente, 169 dos 196 autores vinculados a universidades brasileiras) publicou apenas um artigo em periódicos internacionais que integram o Q1 e o Q2 do JCR.

Ou seja, somente 27 pesquisadores baseados no Brasil publicaram mais de uma vez em periódicos classificados no estrato mais alto da escala JCR. Outros 16 estudiosos publicaram dois artigos; cinco publicaram três estudos; e seis publicaram entre quatro

e nove artigos. Dentre os investigadores que publicaram pelo menos dois artigos no período analisado, apenas dois estavam vinculados a universidades do Nordeste e três instituições do Centro-Oeste no momento da publicação. Os demais autores se dividem entre instituições do Sul (9) e do Sudeste (13) do país. Outro dado pertinente se refere ao fato de que 43 das 48 parcerias entre brasileiros e estrangeiros privilegiaram periódicos que publicam em inglês e com origem nos Estados Unidos ou no Reino Unido.

A Tabela 2 apresenta os resultados quanto à titulação dos autores no momento da publicação, apontando que a grande maioria dos autores já eram doutores na época em que o artigo foi veiculado (147), sendo as áreas de formação mais recorrentes a Comunicação, a Ciência Política, a Sociologia Política e a Linguística.

Tabela 2. Distribuição por titulação dos autores

Titulação	N	%
Doutores	147	75
Doutorandos	7	3,57
Mestres	33	16,83
Mestrandos	5	2,56
Graduação (concluída/em andamento)	3	1,54
Total	196	100

Fonte: Os autores.

Vale destacar que mesmo periódicos de ponta aceitam a submissão por parte de investigadores com menores graus de formação - em contraste com o que ocorre em boa parte das revistas científicas brasileiras, que exigem título de doutor mesmo antes de dar início ao processo de avaliação dos *papers*⁴. Já nas publicações internacionais, não é frequente uma política de restrição de publicação apenas para doutores.

⁴ https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/qualis_comunicacaoeinformacao.pdf.

4.3. REDES DE COOPERAÇÃO E CO-AUTORIAS

Com o propósito de avaliar em que medida ocorrem parcerias nacionais e internacionais a partir das coautorias dos artigos, verificou-se o número de pesquisadores que assinaram cada trabalho listado no *corpus* desta investigação.

Tabela 3. Distribuição dos artigos por número de autores

Autoria	N	%
Autoria individual	46	30,87
2 autores	57	38,25
3 autores	23	15,44
4 autores	10	6,71
5 a 10 autores	8	5,37
Mais de 10 autores	5	3,36
Total	149	100

Fonte: Os autores.

De acordo com a Tabela 3, a produção brasileira em periódicos internacionais se ancora majoritariamente em trabalhos realizados em dupla (cerca de 38% do total), seguida por artigos escritos individualmente (30%) e com três autores (15% dos trabalhos). Observamos, portanto, que o envolvimento de equipes numerosas na produção dos trabalhos se configura como uma exceção.

A Tabela 4 revela mais detalhes sobre tais parcerias ao investigar em que medida elas são fruto de colaboração com outras universidades nacionais ou internacionais. Dos 149 artigos analisados, 70 foram resultado de co-autoria com pesquisadores vinculados a diferentes instituições. Ou seja, ainda que tenhamos um número considerável de artigos assinados por pesquisadores individuais (31) ou em co-autoria com a mesma filiação institucional (48), o número de trabalhos publicados por pesquisadores de diferentes universidades se aproxima daquele que indica autoria de uma única instituição.

Tabela 4. Distribuição por tipo de parceria interinstitucional na autoria dos artigos

Parcerias	N	%
Interinstitucionais nacionais	22	31,4
Interinstitucionais internacionais	48	68,6
Total	70	100

Fonte: Os autores.

Tabela 5. Distribuição dos autores entre as instituições

Instituições	N autores	%
USP	20	10,2
UFRJ	15	7,7
UFMG	14	7,1
UNB	11	5,6
UERJ	10	5,1
UNICAMP	9	4,6
PUC-Rio	8	4
UFPR	7	3,5
UFPEL	5	2,6
UFRGS	5	2,6
UFSC	5	2,6
Outras	87	44,4
Total	196	100

Fonte: Os autores.

A análise da filiação interinstitucional das coautorias aponta que 48 artigos dentre aqueles em que se observou esse tipo de parceria (68,6%) contaram com a participação de investigadores de outros países, o que sugere a possibilidade de que a inserção em redes internacionais pode ser uma estratégia interessante que viabilize a publicação em periódicos de alto impacto. Ao avaliar o protagonismo dos pesquisadores baseados no Brasil nas redes de cooperação, todavia, nota-se que estes figuram como autores principais em apenas 16 dos 48 textos que são fruto de parceria internacional. Isso

sugere um papel relativamente secundário quanto à liderança dos brasileiros nessas equipes que se unem para se sobressair no cenário de produtividade internacional.

Em relação às parcerias interinstitucionais envolvendo universidades do país, a Tabela 5 revela uma concentração em seis instituições do Sudeste, seguidas de uma da região Centro-Oeste e quatro do Sul do país. Tais universidades abrigavam 55,6% dos pesquisadores que publicaram os artigos.

5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi compreender a evolução da produção bibliográfica de pesquisadores baseados em instituições brasileiras a partir das características dessa produção, a fim de discutir os desafios da internacionalização da ciência, tomando-se como referência a área de Comunicação. Para tanto, o artigo analisou o perfil dos pesquisadores que publicam em revistas indexadas no JCR.

Ao reconhecer que a internacionalização e a visibilidade da produção científica em circuitos globais são influenciadas por elementos estruturais do sistema acadêmico internacional (Albuquerque *et al.*, 2021; Demeter, 2019; Chakravartty *et al.*, 2018), os resultados apontam para uma presença limitada de pesquisadores brasileiros em circuitos internacionais "de prestígio". Esta baixa presença acarreta uma série de problemas, como a dificuldade de influenciar no debate acadêmico global e a percepção de que o conhecimento produzido localmente tem circulação limitada. Tais dinâmicas estruturais globais afetam tanto a validação do conhecimento gerado nos circuitos não-ocidentais quanto à atribuição de capital social nos ambientes científicos.

Ainda que boa parte das políticas de avaliação científicas no país reconheça a importância de índices como o JCR, parte considerável da comunidade brasileira da área de Comunicação tem dado pouca atenção a essa classificação internacional dos periódicos. Um dos motivos para isso parece ser a existência de uma sólida estrutura de revistas em língua portuguesa no país e a exigência de utilizar, para as publicações internacionais, um inglês escrito como um nativo (Suzina, 2020), para obter a chance de publicação na maior parte das revistas indexadas na base. Além disso, a presença

modesta de periódicos nacionais dentre os mais bem avaliados no JCR é um problema que afeta a maioria dos países não-ocidentais, ocasionando uma naturalização de barreiras como diferenças linguísticas e dificuldades de acesso ao conhecimento veiculado por editoras comerciais baseadas na América do Norte e na Europa Ocidental (Suzina, 2020).

As conclusões do estudo indicam que pesquisadores baseados no Brasil têm ampliado sua participação em periódicos de maior prestígio internacional nos últimos anos. Embora haja uma maior constância nas publicações a partir de 2013, foram apenas alguns periódicos em específico que apresentaram uma maior publicação de artigos construídos a partir de instituições brasileiras. Em relação aos anos de 2005 e de 2008, observa-se uma concentração de artigos de estudos de televisão em duas longas edições da revista *Comunicar*, a primeira delas contando com 224 artigos no total e a segunda, com 79. Neste caso, vale ressaltar que os textos publicados estão em língua portuguesa e espanhola, o que sugere uma estratégia de publicação internacional em decorrência do idioma, já que a exigência do inglês escrito como nativo representa uma grande barreira para os pesquisadores. No caso de 2009, houve um dossiê sobre o jornalismo brasileiro no periódico *Journalism*, organizado por José Marques de Melo e Sônia Virgínia Moreira. Já o ano de 2021 apresenta crescimento e diversificação da produção internacional de pesquisadores baseados no Brasil, sem qualquer concentração em dossiês ou periódicos. De fato, 2021 marcou, ainda, a maior diversidade de instituições contempladas (20) entre os anos recortados para esta pesquisa.

Os estudos de jornalismo têm obtido sucesso em termos de inserção internacional, com a revista *Comunicar* recebendo a maior parte dos artigos publicados. De qualquer modo, somente um número reduzido de pesquisadores publicou em periódicos internacionais de maior impacto, indicando que existem oportunidades para pesquisadores brasileiros expandirem sua presença no cenário internacional.

Os resultados também indicam que a maioria dos autores com artigos publicados têm a titulação de doutor, mas há uma presença significativa de investigadores com outros graus de formação. Isso sugere que a titulação não é o único fator determinante para a

publicação em periódicos internacionais. A presença de parcerias internacionais sugere a relevância da inserção em redes internacionais como estratégia para publicação em periódicos de alto impacto. No entanto, a liderança em parcerias internacionais é ainda pouco expressiva no caso de autores brasileiros, o que indica a necessidade de aprimoramento em habilidades de liderança em colaborações internacionais.

Outra característica pertinente é a distribuição geográfica das instituições de onde provêm os autores. Os dados revelam uma grande concentração nas regiões Sudeste e Sul do país, o que demanda a ampliação do alcance da produção científica elaborada em outras regiões do país. A concentração em apenas algumas regiões do país é um reflexo do desenvolvimento tardio de universidades em regiões como Nordeste e Norte do país. Desse modo, sugere-se que estudos posteriores se dediquem a entender como incrementar a internacionalização de Instituições de Ensino Superior de todas as regiões brasileiras. Assim, há limitações e desafios a serem superados no processo de internacionalização, como a concentração de produção científica em algumas instituições e regiões do país e a necessidade de estabelecer parcerias mais equilibradas e colaborativas entre pesquisadores de diferentes comunidades científicas. Ademais, é importante garantir que o conhecimento produzido seja utilizado para o benefício da sociedade e do desenvolvimento nacional, preservando a soberania do país sobre seus próprios saberes e valores, sem necessariamente fomentar a importação de ideias e/ou metodologias de países ocidentais.

Dentre as limitações do artigo, está o fato de que o estudo se baseou em uma amostra de 149 trabalhos publicados em periódicos internacionais de alto impacto na área de Comunicação, o que pode limitar a generalização dos resultados. Destaca-se também a limitação de que os dados históricos sobre as instituições de filiação dos autores dependem do fornecimento destas informações nas próprias revistas.

6. REFERÊNCIAS

Alatas, S. H. (2000). Intellectual imperialism: Definition, traits, and problems. *Asian Journal of Social Science*, 28(1), 23–45.

Alatas, S. F. (2007). Captive Minds. *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*, 2007.

Albuquerque, A. D., & Lycarião, D. (2018). Winds of Change? BRICS as a Perspective in International Media Research. *International Journal of Communication*, 12, 2873–2892. <http://ijoc.org/10.1103/ijoc.2018.005>

Albuquerque, A., Oliveira, T., Santos Junior, M., & Albuquerque, S. (2020). Structural limits to the de-westernization of the communication field: The editorial board in Clarivate's JCR system. *Communication, Culture and Critique*, 13(2), 185-203. <https://doi.org/10.1093/ccc/tcaa015>

Alves, M. (2022). A internacionalização do Consórcio Nordeste como alternativa às assimetrias regionais brasileiras (Monografia de graduação em Relações Internacionais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

Aouragh, M., & Chakravartty, P. (2016). Infrastructures of empire: Towards a critical geopolitics of media and information studies. *Media, Culture & Society*, 38(4), 559–575. <https://doi.org/10.1177/0163443716643007>

Beigel, F. (2019). Indicadores de circulación Una perspectiva multi-escalar para medir la producción científico-tecnológica latinoamericana. *Ciencia, tecnología y política*, 2(3), 028. <https://doi.org/10.24215/26183188e028>

Biesta, G. (2012). Knowledge/democracy: Notes on the political economy of academic publishing. *International Journal of Leadership in Education*, 15(4), 407–419. <https://doi.org/10.1080/13603124.2012.696705>

Bogotch, I. E. (2012). Who controls our knowledge? *International Journal of Leadership in Education*, 15(4), 403-406. <https://doi.org/10.1080/13603124.2012.707688>

Brasil (2010a). *Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020: Vol. I*. Brasília, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Brasil (2010b). *Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020: Vol. II*. Brasília, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Brasil (2017). *A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES*. Brasília, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Brasil (2020). *Guia para aceleração da internacionalização institucional: stricto sensu*. Brasília, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CAPES. (2022). *Relatório de Avaliação (Ciclo 2017/20): Comunicação e Informação*. Brasília, dezembro de 2022.

Chakravartty, P., Kuo, R., Grubbs, V., & McIlwain, C. (2018). #CommunicationSoWhite. *Journal of Communication*, 68(2), 254–266. <https://doi.org/10.1093/joc/jqy003>

Costa, J. P. da, Costa, A. L. F., & Yamamoto, O. H. (2021). A internacionalização na política científica brasileira e seus impactos para os programas de pós-graduação. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (Campinas)*, 26(3), 881–899. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772021000300013>

Demeter, M. (2019). So far, yet so close: International career paths of communication scholars from the global south. *International Journal of Communication*, 13, 578–602. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/10181>

Demeter, M., Goyanes, M., Navarro, F., Mihalik, J., & Mellado, C. (2022). Rethinking De-Westernization in Communication Studies: The Ibero-American Movement in International Publishing. *International Journal of Communication*, 16, 3027-3046. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/18485>

Dutta, M. (2020). Whiteness, internationalization, and erasure: decolonizing futures from the Global South. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 17(2), 228-235. <https://doi.org/10.1080/14791420.2020.1770825>

Goyanes, M. (2019). Editorial boards in communication science journals: Plurality or standardization? *the International Communication Gazette*, 82(4), 342-364. <https://doi.org/10.1177/1748048518825322>

Goyanes, M. (2023). Data without reference points: collaborations in communication research in Spain are less international and publications have lower impact. *Profesional de la Información*, 32(1). <https://doi.org/10.3145/epi.2023.ene.11>

Knobel, M., Lima, M., Leal, F., & Prolo, I. (2020). Desenvolvimento da internacionalização da educação superior no Brasil: da mobilidade acadêmica à institucionalização do processo na universidade. *Educação temática digital*, 22(3). <https://doi.org/10.20396/etd.v22i3.8659332>

Lima, M. C., & Contel, F. B. (2009). Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira. *5ème Colloque de l'IFBAE*. https://ifbae.s3.eu-west-3.amazonaws.com/file/congres/2009_B0095.pdf

Lombas, M. L. de S. (2017). A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros. *Sociologias*, 19(44), 308–333. <https://doi.org/10.1590/15174522-019004413>

Lynch, C. (2013). Por que pensamento e não teoria?: a imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970). *Dados*, 56(4), 727-767. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000400001>

Maccari, E., Lima, M., & Riccio, E. Uso do sistema de avaliação da CAPES por programas de pós-graduação em administração no Brasil. *Revista de Ciências da Administração*, 11(25), 68-96, 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2009v11n25p68>

Oliveira, T. (2019). Alternative Metrics and Open Science in Latin America: Challenges for democratization of knowledge. *Transformação*, 31, 1-7.

<https://doi.org/10.1590/231808892019e190089e>

Oliveira, T. M., Marques, F. P. J., Veloso Leão, A., de Albuquerque, A., ... & Guazina, L. S. (2021). Towards an inclusive agenda of open science for communication research: A Latin American approach. *Journal of Communication*, 71(5), 785–802.

<https://doi.org/10.1093/joc/jqab025>

Paiva, F. M., & Brito, S. H. A. de. (2019). O papel da avaliação CAPES no processo de internacionalização da Pós-Graduação em Educação no Brasil (2010-2016). *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior*, 24(2), 493–512.

<https://doi.org/10.1590/s1414-40772019000200009>

Ramos, M. Y. (2017). Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. *Educação e pesquisa*, 44.

Saenger, E. C., & Teixeira, M. do R. F. (2018). A internacionalização por meio da bolsa de Pesquisador Visitante Especial do Programa Ciência sem Fronteiras do CNPq. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas Em Educação*, 26(100), 849–868.

<https://doi.org/10.1590/s0104-40362018002601103>

Santin, D. M., Vanz, S. A. D. S., & Stumpf, I. R. C. (2016). Internacionalização da produção científica brasileira: políticas, estratégias e medidas de avaliação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação. Brasília*, 13(30), 81–100. <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.923>

Schendel, R., & McCowan, T. (2016). Expanding higher education systems in low- and middle-income countries: the challenges of equity and quality. *Higher Education*, 72, 407–411. <https://doi.org/10.1007/s10734-016-0028-6>

Suzina, A. (2020). English as lingua franca.Or the sterilisation of scientific work. *Media, Culture & Society*, 43(1), 171-179. <https://doi.org/10.1177/0163443720957906>

Vessure, H., Guédon, J., & Cetto, A. (2014). Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. *Current Sociology*, 62(5), 647-665.

<https://doi.org/10.1177/0011392113512839>

Waisbord, S., & Mellado, C. (2014). De-westernizing Communication Studies: A Reassessment. *Communication Theory*, 24(4), 361-372.

<https://doi.org/10.1111/comt.12044>

Wallerstein, I. (2011). *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. University of California Press.

Wit, H., & Altbach, P. G. (2021). Internationalization in higher education: global trends and recommendations for its future. *Policy Reviews in Higher Education*, 5(1), 28–46.

<https://doi.org/10.1080/23322969.2020.1820898>

7. APÊNDICE: PERIÓDICOS COLETADOS

	PERIÓDICOS	ARTIGOS
1	<i>Communication Monographs</i>	Sem Publicações
2	<i>New Media & Society</i>	4
3	<i>Digital Journalism</i>	3
4	<i>Communication Methods And Measures</i>	Sem Publicações
5	<i>Political Communication</i>	1
6	<i>Journal Of Communication</i>	2
7	<i>The International Journal Of Press-Politics</i>	5
8	<i>Journal Of Public Relations Research</i>	Sem Publicações
9	<i>Comunicar</i>	39
10	<i>Journal Of Advertising</i>	1
11	<i>Information Communication & Society</i>	7
12	<i>Journal Of Computer-Mediated Communication</i>	1
13	<i>Communication Research</i>	Sem Publicações
14	<i>International Journal Of Advertising</i>	3
15	<i>Information Society</i>	3
16	<i>Journalism</i>	14

17	<i>Social Media + Society</i>	5
18	<i>Science Communication</i>	4
19	<i>Public Opinion Quarterly</i>	1
20	<i>Journalism & Mass Communication Quarterly</i>	1
21	<i>Media Psychology</i>	Sem Publicações
22	<i>Policy & Internet</i>	2
23	<i>Journalism Studies</i>	10
24	<i>Public Relations Review</i>	2
25	<i>Mass Communication And Society</i>	Sem Publicações
26	<i>Media Culture & Society</i>	9
27	<i>Health Communication</i>	Sem Publicações
28	<i>Communication & Sport</i>	Sem Publicações
29	<i>Journal Of Advertising Research</i>	Sem Publicações
30	<i>European Journal Of Communication</i>	Sem Publicações
31	<i>Television & New Media</i>	5
32	<i>Research On Language And Social Interaction</i>	Sem Publicações
33	<i>Journal Of Social And Personal Relationships</i>	Sem Publicações
34	<i>Telecommunications Policy</i>	7
35	<i>Human Communication Research</i>	1
36	<i>Mobile Media & Communication</i>	Sem Publicações
37	<i>Communication Theory</i>	Sem Publicações
38	<i>Public Understanding Of Science</i>	5
39	<i>Feminist Media Studies</i>	2
40	<i>Cyberpsychology-Journal Of Psychosocial Research On Cyberspace</i>	1
41	<i>Journal Of Applied Communication Research</i>	Sem Publicações
42	<i>Environmental Communication-A Journal Of Nature And Culture</i>	Sem Publicações
43	<i>Journal Of Health Communication</i>	Sem Publicações
44	<i>Chinese Journal Of Communication</i>	Sem Publicações
45	<i>Communication And Critical-Cultural Studies</i>	Sem Publicações
46	<i>Critical Discourse Studies</i>	6
47	<i>International Journal Of Conflict Management</i>	5